

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**AILTON GOMES DA SILVA**

**A LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

JARDIM/MS  
2013

**AILTON GOMES DA SILVA**

**A LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: **Prof. MSc. Clemilton Pereira dos Santos**

JARDIM/MS  
2013

**AILTON GOMES DA SILVA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. MSc. Clemilton Pereira dos Santos  
UEMS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> MSc. Roseli Peixoto Grubert Martinez  
UEMS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> MSc. Adélia Maria Evangelista  
UEMS

SILVA, Ailton Gomes Da.

**A Linguagem na Construção Civil. 2013.**

Ailton Gomes da Silva. Jardim:UEMS, 2013. 43p. 30cm

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação  
Português –Inglês - Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.Sociolinguística; 2.Trabalhadores da construção civil;  
3. Aspectos fonéticos; 4. Aspectos lexicais.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Ailton Gomes da Silva

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho ao meu pai José da Silva, e a minha mãezinha, Floriza Gomes da Silva, mulher guerreira de estima e valor que muitas vezes passou a noite preparando a massa para fazer o pão e vendê-lo noutro dia, também fazendo limpeza nas casas para me proporcionar o sustento. Saudades mãezinha.

A minha esposa, Nádia Bentos Gonçalves, que possui um valor incondicional, presente em todos os momentos de minha vida. Pelo seu amor, carinho, compreensão e apoio moral do qual posso dizer “UM PRESENTE DE DEUS”, amor da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, pela sabedoria, por todas as minhas conquistas pessoais e profissionais, e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais que não mediram esforços em me ajudar durante a realização deste trabalho de conclusão de curso, pessoas que aqui externo meus sinceros agradecimentos.

A Senhora Nádia Bentos Gonçalves, minha linda esposa que foi e é minha companheira e amiga em todos os momentos, me ajudando e me apoiando nos momentos de dificuldade e ausência.

Ao prof Msc Clemiltom meu orientador, quando apresentei o tema do meu trabalho me deu todo apoio necessário para que o objetivo fosse alcançado. A professora Msc Roseli Grubert, que além de uma ótima professora, foi uma grande amiga. A professora Msc Adélia Maria Evangelista Azevedo pela compreensão e transmissão de conhecimento.

Aos meus professores que souberam transmitir conhecimento durante o período do curso, paciência e compreensão por força de minha labuta diária do meu emprego.

Aos meus colegas de turma, João Ivo, Maria Arthema e Vânia Elizabeth por terem compartilhado vários momentos durante o período de nossa formação juntos.

Ao meu comandante, major Niedson de Carvalho Mendonça, pela compreensão que teve em determinados momentos me aliviado de certas atribuições para que eu cumprisse os estágios em horário de expediente, tendo em vista que o ensino fundamental só funciona no período matutino.

Ao soldado Eliézio por deixar seu descanso por algumas vezes e me apoiar quando solicitado.

Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar as possibilidades para a sua  
própria produção ou a sua construção.

**Paulo Freire**

## **RESUMO**

SILVA, Ailton Gomes Da. **A Linguagem na Construção Civil**. 2013. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Jardim, 2013.

O referido trabalho tem por objetivo realizar um levantamento do léxico e das alterações fonéticas (metaplasmos) adotados por um grupo de trabalhadores da construção civil, que atuam nas cidades de Jardim e Guia Lopes da Laguna, averiguando as denominações conferidas a vinte e três itens dentre peças e ferramentas utilizadas na construção civil. Estas denominações foram adquiridas mediante questionários simples, aplicados aos informantes e através dos quais pode-se verificar que a pronúncia desses nomes foi se tornando tão natural quanto a sua escrita a ponto de serem adotados por diversos trabalhadores do ramo quando fazem seus orçamentos. Enquanto metodologia, primeiramente, realizou-se revisão bibliográfica acerca da sociolinguística, desde as bases saussurianas até os fatores sócio-históricos, passando posteriormente por tópicos da história do português no Brasil. Para tais propósitos adotou-se a revisão bibliográfica a partir de Saussure (2000), Monteiro (2000), Faraco (2000), Viaro (2011), Coutinho (1973), Mussalim (2004) dentre outros. Depois desenvolveu-se as análises, registrando as alterações fonéticas e lexicais presentes nas expressões coletadas. Ao fazer um paralelo entre os nomes técnicos e coloquiais foi possível identificar as variações linguísticas de cada caso. Na fonética, os metaplasmos variaram por adição, supressão, transposição e transformação. Essas alterações se deram de acordo como o ouvinte entendia e depois reproduzia nada mais do que Saussure chama de lei do menor esforço. No léxico as mudanças ocorreram na troca dos nomes técnicos por novos nomes. Por metonímia, onde houve a troca do nome pela marca do produto, por neologismo que é a criação de uma nova palavra ou atribuição de um novo significado para uma palavra que já exista, e por assimilação que é a comparação da ferramenta com algo parecido que já existia permanecendo o mesmo significado e alterando o significante.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; trabalhadores da construção civil; aspectos fonéticos e lexicais.



## ABSTRACT

SILVA, Ailton Gomes Da. **A Linguagem na Construção Civil**. 2013. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Jardim, 2013.

Such work aims to conduct a survey of lexical and phonetic (metaplasmos) adopted by a group of construction workers, who work in the cities of Garden and Guia Lopes da Laguna, checking the names conferred to twenty- three items among parts and tools used in construction. These denominations were acquired through simple questionnaires applied to informants and through which it can be seen that the pronunciation of these names became as natural as your writing to the point of being adopted by several workers in the industry when they make their budgets. As a methodology, first, held on the sociolinguistic literature review provided the basis saussurianas to the socio - historical, afterwards passing through topics in the history of Portuguese in Brazil. For such purposes we adopted the literature review from Saussure (2000), Monteiro (2000), Faraco (2000), Viaro (2011), Coutinho (1973), Mussalim (2004) among others. Once developed the analysis, recording the phonetic and lexical appearing in expressions collected. By making a parallel between the technical names and colloquialisms was possible to identify the linguistic variations of each case. In phonetics, the metaplasmos varied by addition, deletion, transposition and transformation. These changes are given according to the listener understand and then reproduced nothing more than Saussure calls the law of least effort. In the lexicon changes occurred in the exchange of technical names for new names. By metonymy, which were exchanged by the brand name of the product, which is a neologism for the creation of a new word or assigning a new meaning to a word that already exists, and that assimilation is the comparison tool with something like that existed remaining the same meaning and changing significant.

**Keywords:** Sociolinguistics; construction workers; phonetic and lexical aspects.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>12</b>
2. A Língua.....	12
2.1 A fala.....	15
2.2 História da língua Portuguesa no Brasil.....	18
<b>3. CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>20</b>
3.1 Análise fonética.....	23
3.2 Análise do Léxico.....	29
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>37</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>39</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é uma língua riquíssima em seu vocabulário. E como em toda língua há a linguagem formal e a informal, a portuguesa também não é diferente. Com vinte e seis estados e um distrito federal, o país possui uma grande variedade de dialetos. Cada região possui suas próprias características com palavras próprias. Exemplo disso é a palavra mandioca que só no Brasil possui muitos nomes usados em diferentes regiões, tais como: aipim, castelinha, macaxeira, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre.

Devido esta vasta variedade de palavras que, apesar de muitas delas não fazerem parte formalmente da gramática normativa, fazem parte de várias comunidades de falantes, como exemplo, os trabalhadores de construção civil que são os pedreiros, ajudantes de pedreiros, mestres-de-obras e pintores. E esta pesquisa vai analisar o vocabulário dessas pessoas quanto à comunicação referente aos nomes das ferramentas e materiais de construção. Alguns desses léxicos sofreram alteração na pronuncia, para isso será feita uma análise fonética; outros léxicos receberam novos nomes por assimilação com outros objetos ou animais, ou simplesmente foram criadas novas designações para os nomes de origem, então, far-se-á uma pesquisa lexical.

Esta variação na fala se dá por uma questão cultural, ou seja, as palavras que esses profissionais utilizam na comunicação vão passando de uma geração para outra. E mesmo que algumas pessoas que tenham o domínio da fala quanto à pronúncia coerente dessas palavras, para serem inseridos no meio desses falantes, eles precisam se adequar a eles quanto à fala. O que será observado nesta pesquisa é o distanciamento dos nomes originais para os nomes utilizados pelos profissionais na área. E isso se tornou tão presente na sociedade que até falantes que não fazem parte desse grupo também só reconhecem determinado tipo de material ou ferramenta pelo nome vulgar desses objetos.

Mas por que esse distanciamento? O certo seria que pelo menos os profissionais da área soubessem o nome científico dos materiais por eles utilizados. Mas não é assim. Mesmo com toda a modernização que é vivida hoje, os meios de comunicação, esse dialeto permanece. Por que, então, esses nomes vulgares são constantes?

Para entender essa delegação de palavras informais dentro do grupo de falantes da construção civil será feito um levantamento de orçamentos com diversos profissionais

verificando o uso dessas palavras, depois compará-las e ainda, analisá-las dentro da fonética e do léxico, já que muitos nomes possuem os sons parecidos na pronúncia e outros, totalmente diferentes na escrita. O desafio, porém é: será possível fazer uma análise das palavras usadas pelos profissionais da construção civil que passaram a ter outro sentido que não o original, seja por associação de imagens, seja pela aproximação dos sons ou algo cultural? O trabalho mostrará que sim, pois este é o objetivo central, apresentar as análises das palavras que tais profissionais utilizam dentro das variações.

E para compreender porque esses falantes, mesmo com o passar do tempo prevalecem esse tipo de fala, far-se-á uma pesquisa histórica e social da língua e da fala. Saussure (2006, p. 27) discorre sobre isso quando afirma que “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”. Essas modificações nada mais são que as alterações que se dão nos metaplasmos ou léxicos. Por exemplo, o metaplasmo cumeeira que pelo ouvinte teve a impressão de ouvir cumunhera, foi modificado e recebeu uma nova pronúncia.

Se as novas gerações aprendessem a forma adequada desses nomes, não haveria mais propagadores para as formas informais. As escolas poderiam se preocupar mais com o vocabulário da língua. Meios para isso existem, mas já seria outra pesquisa. Com essa pesquisa será possível identificar quais palavras variam da linguagem formal para a coloquial, as diferenças na escrita, pronúncia e como se dá a comunicação entre os falantes da construção civil. Ao final será possível fazer um paralelo entre os nomes formais e informais das palavras analisadas.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 A Língua

Desde que a história passou a relatar a evolução do homem, sua organização espacial, sua forma de economia, plantio e também seus meios de comunicação, foi possível verificar quantas mudanças e melhorias ocorreram com o passar dos anos.

E um dos fatores que será analisado nessa evolução é a comunicação. O homem deixou traços de forma de comunicação por meio de desenhos, de símbolos como é possível verificar nas paredes de monumentos antigos ou em cavernas; em textos, alguns em línguas extintas ou em dialetos bastante arcaicos. É óbvio que essas mudanças não ocorreram de uma hora para outra, mas no decorrer de muitos anos. Sobre isso Saussure (2006) afirma que:

Os fatos da evolução são mais concretos; as relações que neles se observam se estabelecem entre termos sucessivos que são percebidos sem dificuldades. Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima. Pode ser de dez anos, uma geração, um século e até mais. Uma língua mudará pouco durante um longo intervalo, para sofrer, em seguida, transformações consideráveis em alguns anos. De duas línguas coexistentes num mesmo período, uma pode evoluir muito e outra quase nada (SAUSSURE, 2006 p. 117)

Para entender essa evolução será necessário fazer uma análise sincrônica e diacrônica da língua. Segundo Saussure (2006, pág.92) “A língua é o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” e ainda complementa afirmando que a língua não existe fora do fato social “... é mister uma massa falante para que exista uma língua”. Não bastaria apenas um indivíduo tentando se comunicar, certamente não se registraria nenhuma alteração e o tempo não agiria sobre ela; é no mesmo sentido se houvesse uma massa falante sem a ação do tempo, não se veria a ação das forças sociais. Muitas línguas antigas como o latim vivenciou a ação das forças sociais, pois com a imposição do império romano no século IX aproximadamente, o latim, que era a língua oficial do Império se vulgarizou e foram surgindo outros dialetos e deu origem a outras línguas como o português, espanhol, francês, etc.

E não é diferente na língua portuguesa do Brasil. Sua formação está relacionada a grandes acontecimentos históricos, a forma de colonização, a imposição cultural e a mi-

de raças. Todos esses fatores contribuíram para o que é a língua portuguesa de hoje. Isso é o que Saussure chama de ‘Linguística Externa’, ou seja, quando a linguística se ocupa em estudar coisas importantes relacionadas com a história da língua. Saussure (2006) explica isso quando diz:

Essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem. Todos os pontos em que a linguística confina com a etnologia<sup>1</sup>, todas as relações que podem existir entre a história duma língua e duma raça ou civilização. Essas duas histórias se associam e mantêm relações recíprocas. Isso faz recordar um pouco as correspondências verificadas entre os fenômenos lingüísticos propriamente ditos. Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação (SAUSSURE, 2006, p. 29)

Todas essas inúmeras informações podem ser entendidas dentro de uma das leis que Saussure cita como a lei da diacronia. A diacronia faz a análise histórica evolutiva de uma língua, observando fatores lingüísticos, culturais e sociais, por exemplo, a língua no Brasil.

Uma terra habitada por indígenas, totalmente desconhecida do antigo mundo, rica em belezas naturais, a fauna e a flora, sem falar dos minérios e das diferentes qualidades de madeira. O povo nativo possuía uma cultura, um estilo de vida e uma língua. Com a chegada dos portugueses essas terras passaram a ser conhecidas na Europa. Agora, o que seria o Brasil anos depois, passa a ser explorado pelo povo de Portugal que impõe sua administração, cultura e sua língua.

A questão da língua materna não está restrita somente ao fator colonização, pois com a vinda de escravos africanos e imigrantes de outras nacionalidades, a nação brasileira recebeu contribuição de novas culturas e línguas, isso não se deu por uma questão de escolha, mas pelas consequências externas passadas em outras nações. Exemplo disso foi a guerra que forçou muitas pessoas a fugirem de suas pátrias ou de pessoas que buscavam novas oportunidades de vida. Não foi o caso dos escravos africanos que foram obrigados a virem para cá. Outro fator foi o nascimento de filhos dos colonizadores portugueses com as mulheres indígenas em algumas regiões do país que resultou na formação de uma sociedade mestiça, cujos membros eram chamados de mamelucos. A língua familiar das mulheres e crianças era uma língua de base tupi, chamada língua geral. Só uma reduzida parcela dos homens ligados à administração colonial dominava plenamente a língua portuguesa, que as crianças aprendiam quando tinham a oportunidade de ir à escola,

Dentro de todo esse contexto histórico, o importante aqui é a língua. Sabe-se então que o português do Brasil é de origem portuguesa de Portugal e recebeu muitas contribuições de outras línguas e fora falada, a princípio, por um pequeno grupo de pessoas cultas que tinham acesso à escola. E, por um grupo maior de pessoas analfabetas, semianalfabetas e as que estavam aprendendo a língua portuguesa, no caso dos imigrantes, nativos e escravos. Por este motivo é que surgem os dialetos que variam de acordo com as regiões no Brasil, ou seja, de acordo com os grupos de falantes que se detinham naquela região, vão surgindo os dialetos, mas isso vai ser mencionado mais à frente quando for analisada a fala.

Toda essa questão histórica é entendida dentro da diacronia, mas como ela também analisa fatos sociais vale ressaltar alguns exemplos que sucederam na língua materna brasileira. Por exemplo: vossa mercê transformou-se em vosmicê que se transformou em você. Essa variação se deu devido à fala. Os falantes em uma sociedade têm tanta força que pela repetição ou adequação modificam a forma de uma palavra ou até seu significado. Outro exemplo que se deu num passado não tão distante, é a palavra marechal que significava criado que cuidava dos cavalos, hoje significa alta patente do exército. Há outras tantas palavras, mas o que remete aqui é a questão da fala. Se uma palavra é absorvida pela sociedade ou ela se torna parte do vocabulário da língua ou, se torna uma palavra de muito uso. Troquês é a maneira que os falantes na área da construção civil falam quando se referem a ferramenta turquesa (também denominado torquesa ou torques) que é um tipo de alicate onde as extremidades podem ser afiadas para cortar. A forma como ela é falada informalmente não vai ser encontrada num dicionário, porém se tornou de muito uso entre tais profissionais.

---

A **etnologia**<sup>1</sup> é o estudo ou ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia no âmbito da antropologia cultural e social, buscando uma apreciação analítica e comparativa das culturas.

## 2.2 A Fala

Uma nação para assim ser considerada, precisa ter um território, um povo que traz consigo as mesmas características étnicas e se mantêm unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional. Se um determinado grupo de pessoas falassem diferentes idiomas, não constituiriam uma nação. O homem desde tempos primórdios procurou entender como surgiu a fala acreditando-se que, provavelmente, houvesse uma língua que possa ter dado origem às outras. Não há uma fonte exata que comprove sua origem. Alguns filósofos acreditavam que a necessidade do homem de expressar suas emoções fez com que ele fosse aperfeiçoando sua comunicação, sua fala. Daí foram surgindo as palavras. De qualquer forma foi desta maneira que as nações foram surgindo, pelos interesses em comum, pela organização e sempre, pela comunicação. O Brasil, por exemplo, primeiro havia apenas os nativos, depois vieram os europeus que aqui se fixaram com seus interesses em comum e, implantaram seus costumes e sua língua. Aos poucos foram se estabelecendo, cada vez em um grupo maior, e diante das diferentes línguas fixou-se a língua materna que é a língua portuguesa, mesmo porque Portugal foi o grande colonizador.

Mesmo tendo uma língua oficial no Brasil e uma gramática normativa que rege suas regras, há, como em qualquer outra nação, palavras que na fala fogem das regras gramaticais. Isso porque as regras podem reger na escrita, mas não na fala. A fala é livre e o ser humano a utiliza de forma que percebe que conseguiu se comunicar, mesmo falando ‘fora das normas padrões’, se o outro interlocutor o entendeu, então houve comunicação. Segundo o dicionário Aurélio<sup>1</sup> comunicação é ação de comunicar: estar em comunicação com alguém; processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens por meio de métodos ou sistemas convencionais (no caso a língua); a capacidade de trocar ou discutir ideias, de dialogar, com vista ao bom entendimento. Então, se uma pessoa faz o uso da fala de maneira coloquial e o ouvinte a entendeu, pode-se dizer que houve a comunicação e esta pessoa fez o uso da língua e da fala, já que ambas se relacionam. Mesmo porque se não houvesse uma língua, uma pessoa não saberia falar. Saussure (2006) afirma que:

A língua não constitui, pois, uma função do falante; é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação e ainda a língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve. (SAUSSURE, 2006, p.22)



A língua vai existir independente do indivíduo fazer o uso dela na fala. Ela pode estar nas imagens, na escrita; a língua é de natureza concreta. Veja o que diz Saussure (2006):

A língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. É esta possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE, 2006, p. 23)

Com isso pode-se afirmar que a fala só poderá ser utilizada se houver uma língua. A diferença é que a fala não está ‘presa’ às regras que tangem a escrita de uma língua. Pois a fala é, para Saussure (2006, p. 22) “ato individual de vontade e inteligência”, ou seja, o falante pode fazer o uso da fala “através das combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (Saussure 2006, p.23) e exteriorizar essas combinações. Logo, pelo fato da fala ser livre o falante faz associação entre os signos linguísticos, ou seja, faz a aproximação entre o significante (que é o elemento tangível, perceptível, material do signo) e o significado (que o conceito, o ente abstrato do signo). Por isso tantas palavras que são ditas em desacordo com as normas cultas, mas que são compreendidas pelos interlocutores. Por exemplo, o indivíduo pode falar por associação é o caso da palavra makita. Para os profissionais da área da construção civil makita é uma ferramenta utilizada para cortar madeira, plásticos, metais ou outros materiais e consiste numa folha de aço com uma série de recortes num dos seus rebordos. Em casos especiais os dentes são revestidos a diamante. Porém, makita nada mais é do que uma marca de ferramentas elétricas. É o que acontece com outras marcas que assume o lugar do produto, como o Bombril.

Há outros casos que as palavras passam a receber um novo significado por causa do seu significante. É óbvio que a norma culta nunca vai aceitar isso, mas a gramática descritiva<sup>2</sup> vai analisar como uma forma de comunicação. Veja as palavras: bitorneira, sapo, troques, paulistinha, e muitas outras, todas entendidas pelos falantes na área da construção civil. Na forma normativa da língua cada uma das palavras citadas terá seu significado segundo o dicionário, claro, todavia na forma coloquial essas palavras terão um novo significado, pois seus significantes assumem outros conceitos. Tudo isso pela liberdade que a fala possui. É o que será analisado mais adiante. O que vale ressaltar aqui é que os falantes têm a liberdade na sua fala. Quem nunca disse ‘nós vai’ ou ‘nós se vamos’? E assim sucessivamente

Afinal o signo linguístico resulta de uma convenção entre os membros de uma determinada comunidade para determinar significado e significante. Portanto, se um som existe dentro de uma língua ele passa a ter significado, algo que não aconteceria se ele fosse somente um som em si.

---

<sup>1</sup>Mini Aurélio Século XXI – o minidicionário da língua portuguesa. Autor:Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 5ª Edição, Brasília. Editora Nova Fronteira, 2001.

<sup>2</sup>Gramática Descritiva ou sincrônica -é o estudo do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona, num dado momento, como meio de comunicação entre os seus falantes, e da análise da estrutura, ou configuração formal, que nesse momento a caracteriza. A gramática descritiva propõe-se a descrever as regras da língua falada, as quais independem do que a gramática normativa prescreve como correto. Gramática descritiva. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica\\_descritiva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica_descritiva)>. Acesso em 13 junho 2013

## 2.3 História da Língua Portuguesa no Brasil

Como esse projeto vai estar se referindo as variações de certas palavras na língua portuguesa é interessante entender o porquê delas.

A língua materna no Brasil é a língua portuguesa, isso se deu porque os portugueses descobriram esse território, teoricamente são os descobridores de uma terra que já havia uma população, mas com a força não há resistência. Então com o domínio de Portugal sua língua foi imposta. Língua esta que tem origem do latim vulgar que se expandiu durante o domínio do império romano.

Quando o Brasil foi descoberto em 1500 a língua usada era o tupi-guarani que foi proibida em 1757 por um decreto do Marquês de Pombal. E em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o português fixou-se como o idioma no Brasil. Porém, ainda permaneceu muitas palavras de origem tupi-guarani que fazem parte do vocabulário brasileiro. E mais adiante com a vinda dos escravos a língua recebeu novas contribuições. Novamente em 1808 com a vinda da família real de Portugal houve um reaportuguesamento intenso da língua falada nas grandes cidades. Mas a história não para por aí. Como diz o linguista Faraco (2008, p. 05) “...é fundamental lembrar que não existe nenhuma língua una e homogênea. Qualquer língua é sempre diversificada e heterogênea”, pois com a independência em 1822, muitos imigrantes vieram para o Brasil, e não poderia ser diferente, muitos costumes, culturas e línguas. Mas o português do Brasil só passou a ter uma forma própria no século XX com a literatura e o modernismo. Com isso, rompeu-se com os modelos tradicionais portugueses e passaram a privilegiar as peculiaridades do falar brasileiro.

Realmente o Brasil passou, então, a ter sua língua portuguesa à seu modo, como pode-se ver na gramática normativa, mas isso não impediu que continuasse existindo os dialetos que ainda estão tão presentes neste país. Dentro da língua portuguesa isso é chamado de variedades linguísticas. Seria um português com vários portugueses. Esses portugueses, que nada mais são que os dialetos que se foram formando devido às experiências históricas e culturais de cada uma das comunidades que o falam. Faraco (2008) discorre sobre isso quando afirma:

E isso é assim porque a língua está profundamente enraizada na vida cotidiana, nas experiências históricas e culturais de cada uma das comunidades que a falam. Como a vida, a história e a cultura de cada uma dessas

comunidades são muito diversificadas, assim também será seu modo de falar. (FARACO, 2008, p.05)

As variedades linguísticas podem ser chamadas de dialetos. Por exemplo, no Brasil tem-se o dialeto carioca, o cearense, o caipira, o dialeto rural, dialeto urbano, o dialeto popular e outros. O dialeto que será trabalhado é o dialeto popular. Já que, segundo José Lemos Monteiro (2000) dialeto é:

É uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos. Em geral, entende-se que um dialeto se circunscreve a uma zona ou região territorial, que frequentemente coincide com as fronteiras ou barreiras geográficas. (MONTEIRO, 2000, p.46)

Assim sendo será observado o dialeto popular dos falantes, especificamente os trabalhadores na área construção civil.

Dentro do grupo de falantes da construção civil existe uma fala própria que promove uma comunicação entre eles que está relacionado diretamente aos materiais que utilizam nas obras. E essas palavras que eles utilizam não estão dentro da norma padrão. Alguns desses materiais receberam nomes totalmente diferentes, e outros, apenas sons diferentes. E apesar do tempo essas palavras permanecem.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Langue e parole. Língua e fala. Ambas podem ser definidas separadamente, mas não podem ser individualizadas em sua existência, pois não há fala sem uma língua e não existe uma língua sem a fala.

A língua como idioma tem toda uma construção morfológica e sintática que a torna formal e culta. São as regras gramaticais que definem o certo do errado, o coerente do incoerente. Sendo assim, a escrita passou a estar fixada nas normas gramaticais. E como toda língua está regida por um sistema de regras definidas pela gramática normativa, a análise de cada letra no alfabeto formando uma palavra ou um morfema é feita pela fonologia. Cabe a Fonologia fazer a representação do som de cada signo, isso garante à língua que não haja equívocos gráficos. Saussure (2006, p.43) afirma: “que a Fonologia deve visar a representar por um signo cada elemento da cadeia falada”, lembrando que essa cadeia falada de que Saussure se refere não é a fala coloquial, mas a formal.

Como a Fonologia estuda o sistema sonoro de um idioma é ela que vai determinar a função de cada fonema num léxico. Segundo o doutor Mori<sup>1</sup> (2004) o estudo da Fonologia é baseado nas:

Diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado, ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica. A Fonologia relaciona-se também, com aparte da teoria geral da linguagem humana concernente com as propriedades universais do sistema fônico das línguas naturais, ou seja, referente aos sons possíveis que podem ocorrer nas línguas. (MUSSALIM, 2004, p.149).

A Fonologia, diferente da fonética, segundo Saussure (2006, pág. 43), “se coloca fora do tempo” também por este motivo que a Fonologia não analisa as palavras criadas a partir das variações linguísticas. Sobre a fonética Saussure declara (2006, pág. 43) que “a Fonética é

---

Mouri<sup>1</sup>, Angel Courbera - doutor em linguística pela Universidade Estadual. Seu texto está inserido no livro Introdução à Linguística organizado por Mussalim e Benites

uma ciência histórica, que analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo” por isso que a fonética estuda os sons da linguagem humana. O doutor Moura explica a Fonética da seguinte forma (2004):

Podemos, assim, considerar a Fonética como a ciência do aspecto material dos sons da linguagem humana. Ela estuda os aspectos físicos da fala, ou seja, as bases acústicas relacionadas com a percepção, e as bases fisiológicas relacionadas com a produção. A fonética estuda os sons da fala independentemente da função que eles possam desempenhar numa língua determinada. (MUSSALIM, 2004, p.149).

A fala, diferentemente da língua, não é regida pelas normas gramaticais. A fala vai ser determinada por muitos fatores, como a classe social, o grau de escolaridade dos pais ou dos indivíduos, a cultura, a história, o lugar onde mora e outros. Retorno a citar Faraco (2008) quanto aos fatores acima:

E isso é assim porque a língua está profundamente enraizada na vida cotidiana, nas experiências históricas e culturais de cada uma das comunidades que a falam. Como a vida, a história e a cultura de cada uma dessas comunidades são muito diversificadas, assim também será seu modo de falar. (FARACO, 2008, p.05)

Por esta diversidade na fala será feita uma análise fonética da comunicação dos profissionais da construção civil que possuem uma linguagem própria quando se trata de materiais de construção ou ferramentas. Algumas dessas ferramentas ou materiais que têm seu nome formal deixaram de serem ditos de acordo com a norma culta e passaram a ter pronúncias parecidas, ou um novo nome ou nomes de acordo com a marca do produto. Exemplos disso: de torques para truques (sons semelhantes); de compactador de percussão para sapo (novo nome dado ao objeto); de serra de mármore para makita (nome da marca).

Por esta semelhança de sons, as palavras pesquisadas serão analisadas dentro da fonética. E para os novos nomes dados aos objetos que passaram a ter novos significados será feita uma análise do léxico.

Todas as palavras que serão analisadas nesta pesquisa foram levantadas através de questionários e orçamentos pedidos aos profissionais da construção civil.

As palavras pesquisadas que serão analisadas dentro da fonética são:

Nomes técnicos	Nomes coloquiais
Betoneira	Bitorneira
Punção	Ponção
Torques	Truques
Pá	Apá
Flange	Franja
Cumeeira	Cumunhera

As que serão analisadas dentro do léxico.

Nomes técnicos	Nomes coloquiais
Serra mármore	Makita
Carrinho de mão	Carriola
Capa de beiral	Paulistinha
Desempenadeira de aço dentada	Galocha
Compactador de solo	Sapo
Trincha	Pincel
Alfinete	Percevejo
Válvula de descarga	Hidra
Cavadeira	Boca de lobo ou cavucate
Trado de perfuração de solo	Broca
Fita lacre	Enforca gato
Impermeabilizante para massa	Vedacit
Aditivo para massa	Acentariti ou brescal
Impermeabilizante para alvenaria	Neutrol
Sifão flexível	Papo de ema
Ferramenta alavanca	Chibanca/ xibanca
Madeira 15x2,5 e 12x2,5	Beiral

### 3.1 Análise Fonética

Neste capítulo serão feitas as análises fonéticas das palavras retiradas do contexto de falantes na área da construção civil. As palavras são:

Nomes técnicos	Nomes coloquiais
Betoneira	Bitorneira
Punção	Ponção
Torques	Truques
Pá	Apá
Flange	Franja
Cumeeira	Cumunhera

Segundo Cagliari<sup>1</sup> (2004, p. 105) fonética é “uma área da linguística que estuda o som da fala”. A Fonética estuda os sons da variação independentemente da função que possam desempenhar numa língua determinada. As unidades básicas da Fonética são os fones, transcritos entre colchetes. Os fones são os sons pronunciados pelos falantes de uma língua, todos os humanos normais são capazes de produzi-los. Eles se reúnem num conjunto relativamente pequeno de propriedades fonéticas.

Na gramática a fonética vai fazer uma análise formal das palavras, mesmo porque quando se ensina um aluno, faz-se dentro das normas. Ao analisar uma palavra, um professor vai mostrar ao educando o som de cada letra e os casos das que possuem mais de um som, exemplo a letra x que tem som se s, z, ks, ch. Mas como foi descrito que a fonética se preocupa em descrever o som da fala, vale lembrar como foi definida a fala anteriormente. Segundo Saussure (2006, p. 22-23) a fala é um “ato individual de vontade e inteligência”, ou seja, o falante pode fazer o uso da fala “através das combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal”, logo, pode-se dizer que a fala é livre, se não fosse assim, o indivíduo que é analfabeto ou semi-analfabeto não saberia

---

Cagliari<sup>1</sup> Gladis Massini-Doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Sua obra, escrita juntamente com o Dr. Luiz Carlos Cagliari, se encontra no livro organizado por Mussalim e Bentes.

Cagliari<sup>1</sup> Luiz Carlos - Doutor de Linguística pela Universidade Edimburgo, Escócia, pós-doutor pela Universidade de Londres. Sua obra, escrita com a Dr<sup>a</sup> Gladis Missini Cagliari, se encontra no livro organizado por Mussalim e Bentes.



se comunicar. Mas quando ele se comunica e o interlocutor entende, então, houve comunicação, não dentro das normas padrões, mas houve.

É neste âmbito que se dará as análises, ou seja, a comunicação que há entre profissionais na área da construção civil onde eles fazem o uso de uma linguagem coloquial. E essa comunicação informal é aprendida devido à função social que os profissionais citados exercem e que estão inseridos. Por exemplo, ao nascer, o indivíduo é inserido num contexto socioeconômico cultural pré-existente e, à medida que cresce, participa de um processo de socialização que o transforma num falante de uma determinada variedade da língua, sob influência do meio social em que vive. Muitos falantes que atuam na construção civil são pessoas de classe média a baixa e geralmente possuem apenas o ensino fundamental completo. E dentro da função que passam a exercer, eles adquirem sua identidade cultural por meio do processo de comunicação, visto que o modo de falarem é identificado com a maneira de viver do grupo social e da localidade onde moram. Segundo Carlos Alberto Faraco (1998):

Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa: como ele se constituiu, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão do mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante. (FARACO, 1998, p.18)

E José Lemos Monteiro (2000, p. 68) também discorre sobre a variedade linguística quando cita as variáveis externa explicando que a questão da fala também está relacionada ao “sexo, à idade, à escolaridade, à profissão, à classe social, à região ou zona de residência e a origem do falante”. Dentro das afirmativas de Faraco e Monteiro é possível concluir que o meio social influencia na fala do indivíduo em que está inserido. É por isso que até os dias de hoje, palavras como bitorneira, apă, ponção, franja, cumunhera, truques e outras predominam na fala de profissionais da construção civil, ou seja, numa comunicação que pronunciam muitas palavras que não estão de acordo com a norma culta. Mas por que as pronúncias dessas palavras permanecem diferentes da norma padrão até os dias de hoje? Segundo Cagliari (2004) a fonética pode ser feita de três pontos de vista:

a) da maneira como eles são produzidos (ou seja, mostrando que movimentos do aparelho fonador estão envolvidos na produção dos sons da fala) – Fonética Articulatória; b) da maneira como eles são transmitidos (isto é, a partir das propriedades físicas – acústicas – dos sons que se propagam através do ar) – fonética Acústica; c) da maneira como eles são percebidos pelo ouvinte – Fonética Auditiva. (MONTEIRO, 2000, p.106)

A palavra dita e entendida de maneira inadequada a situação de comunicação cria outra pronúncia. Ao longo dos anos as palavras betoneira, punção, cumeeira, torques, pá e flange foram pronunciadas de maneira diferente à norma culta passando de uma geração à outra. É o que explica a Fonética Auditiva. Então, elas passaram a ser pronunciadas da seguinte forma: bitorneira ou bitoneira; ponção; cumunhera; truques, apă e franja.

Essas alterações de fonemas têm sua origem em um fenômeno fonético auxiliado pela etimologia popular que resultou em outra palavra com sons semelhantes que passaram a existir no linguajar comum. O site da Wikipédia, que traz um artigo sobre Etimologia Popular, define etimologia popular como:

Etimologia popular ou pseudoetimologia é uma interpretação popular equivocada da origem de uma determinada palavra, por vezes de divulgação muito mais comum que a real formação etimológica, normalmente disseminada pela facilidade em sua explicação pelo uso de alegorias e história simplificadas. (Disponível em: <[pt.wikipedia.org/wiki/Etimologia\\_popular](http://pt.wikipedia.org/wiki/Etimologia_popular)>)

Dentre as palavras pesquisadas há casos de etimologia popular. Nomes como bitorneira é um exemplo. O que o interlocutor entendeu ou interpretou passou a pronunciar. O linguista Saussure (2006) discorre sobre etimologia popular afirmando que:

O grau de deformação não cria diferenças essenciais entre as palavras maltratadas pela etimologia popular; têm todas o caráter de serem interpretações puras e simples de formas incompreendidas por formas conhecidas. (SAUSSURE, 2006, p.204)

Para o falante que tem a dificuldade de entender a pronúncia correta de uma determinada palavra é mais fácil criar uma nova para designar a original. Segundo Saussure (2006, p. 202) “acontece-nos por vezes estropiar palavras cuja forma e cujo sentido nos são pouco familiares, e às vezes o uso consagra tais deformações”. Em muitas situações de palavras não compreendidas, as pessoas trocam uma articulação difícil de pronunciar por outra mais cômoda, por exemplo, as palavras punção, cumeeira e torques. Para o grupo de falantes que está sendo analisado, foi mais fácil trocar o morfema *tor* por *tru* e assim alterando o radical para truques. Não foi diferente com a palavra *punção* que foi também alterado no radical recebendo *o* invés de *u*. E ainda na palavra cumeeira que tem sua formação em *cum*

(radical) + *e* (vogal temática) + *eira* (sufixo), os morfemas *e* e *eira* foram alterados para *nera*. Poderiam ser citados outros exemplos, mas é o suficiente para entender que quando se trata dessa mudança de som no morfema, devido à dificuldade da pronúncia na articulação de uma palavra, essa adaptação é chamada por Saussure (2006, p.172) de “lei do menor esforço”.

Há também outra lei que Saussure (2006, p. 173) se refere que está relacionada “as mudanças de pronúnciação à nossa educação fonética na infância”. É quando uma criança passa a pronunciar o que entende e não recebe correção de seus pais; ou quando pronuncia o que ouve com certas inexatidões, também não corrigida; ou pela lei do menor esforço; ou ainda com pronúncias viciosas. É o caso de palavras como *betoneira* que é pronunciada como *bitorneira* ou *bitoneira*; e *flange* que passou a ser dita *franja*; e *pá*, uma ferramenta que é chamada de *apá*, *cumeeira* por *cumunhera*, *punção* por *ponção* e *torques* por *truques*.

Essas duas leis foram citadas para entender a causa das mudanças fonéticas das palavras em análise dentro das leis citadas por Saussure.

Porém, ainda é possível fazer outra análise para cada um desses léxicos observando a classificação dos metaplasmos baseando-se na obra de Mário Eduardo Viaro, *Etimologia* 2011.

Começando pela palavra *betoneira* que é uma máquina giratória utilizada para mistura de materiais como pedra, areia e cimento mais água, na proporção e textura devida, de acordo com o tipo de obra. Foneticamente a palavra *betoneira* é representada da seguinte forma [be.to.'ney.rɐ] e passou a ser pronunciada como [bi.to.'ney.rɐ] e [bi.tor.'ney.rɐ]. No primeiro caso de alteração fonética houve metaplasmo por transformação, ou seja, a vogal *e* passou a ser pronunciada por *i*. Segundo Viaro (2011, p.165) “as transformações podem ser de vários tipos. Quando sistemáticos recebem o nome de vocalismo ou consonantismo”. Dentro da classificação dos metaplasmos por transformação é chamado de assimilação vocálica que consiste em transformar um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante a um que lhe é contíguo dentro da mesma palavra. No segundo caso, *bitorneira*, além de ocorrer assimilação vocálica também houve metaplasmo por adição, no caso a consoante *r*. A esse acréscimo de metaplasmo é dado o nome de Epêntese que é o acréscimo de um fonema em interior de palavra.

Na palavra [pũ.'sãw] que passou a ser pronunciada como [põ.'sãw] que é uma ferramenta que serve para fazer furos em diversos materiais e vem do latim *pungere*, furar. A troca da vogal *u* por *o* é chamado de metaplasmo por transformação ocorrendo assimilação vocálica.

A ferramenta torques que vem do latim *torquere*, torcer, é uma espécie de alicate que possui a ponta recurvada e um fio na sua extremidade, que serve para arrancar pregos ou cravos e para fazer amarrações de ferros. De [tor.'keys] ela passou a ser pronunciada como [trɥ.'keys]. A primeira alteração foi metaplasmo por transposição. Segundo Viaro (2011, p.159) “as transposições se caracterizam pelo fato de um mesmo segmento sonoro aparecer num local distinto do encontrado no étimo. Pode haver transposições de sons metátese”, ou seja, é a transposição de um fonema dentro da mesma sílaba. Foi o caso da consoante r que vinha após a vogal o (**torques**) e mudou de posição vinda após a consoante t (**truques**). E também há o caso do metaplasmo por transformação e assimilação vocálica quando na troca da vogal o por u (**torques** para **truques**).

Já a palavra pá deriva do Latim *pala*, também pá. É uma ferramenta utilizada para cavar, juntar resíduos e lançá-los no lixo. A pronúncia ['pa] passou a ser [a.'pa]. Por ser um substantivo feminino a palavra vem acompanhada pelo artigo *a* ou *uma*. Exemplo: a pá; uma pá. O que houve foi a junção do artigo com o substantivo a+pá = apá. Esta mudança recebe o nome de Aglutinação que é um tipo especial de prótese, que é um dos metaplasmos por adição de fonemas a que as palavras podem estar sujeitas à medida que uma língua evolui. Neste caso, um artigo é incorporado ao vocábulo. Na fala o vocábulo pá mudou de gênero, ou seja, de substantivo feminino passou para substantivo masculino ficando a pronúncia o apá. Segundo Viaro (2011, p.133) “as causas atribuídas à prótese do *a-* são múltiplas. Em palavras femininas é comum atribuir-se a causa a uma falsa segmentação, associada ao artigo feminino”.

A palavra cumeeira é a próxima a ser analisada. Sua pronunciada é [kɥ.me.ei.rɐ], do latim *culmen*, parte alta, pico, cume. Cumeeira é a parte mais alta de um telhado, o cume, onde se encontram as duas águas, ou seja, a última fileira de telhas. Sua pronúncia coloquial é [kɥ.mɥ.'ɲey.rɐ]. A estrutura da palavra cumeeira é **cum** – radical, **e** – vogal temática, **eira** – sufixo. Já a forma coloquial da palavra cumeeira que é cumunhera, o radical continua o mesmo – **cum**; perdeu a vogal temática **e** pela vogal **u** que não tem função de vogal temática; e o sufixo **eira** que sempre acompanha um substantivo foi trocado pela terminação **nhera**. Se a palavra cumunhera existisse, certamente existiria o **nhera** como um sufixo, mas ambos são inexistentes dentro da norma padrão. A alteração na palavra foi metaplasmo por transformação classificação em nasalização que é a passagem de um fonema oral para o nasal. Veja a transformação: cume**ei**ra – fonema oral, para cumun**nh**era – fonema nasal.

Por último, a palavra ['flã.ʒe] que vem do latim *frimbia*, em português fimbria que

quer dizer franja, orla ou margem. Flange é um elemento que une dois componentes de um sistema de tubulações, permitindo ser desmontado sem operações destrutivas. Esta palavra que tem sua pronúncia informal em ['frã.ʒɐ], cujos sons são parecidos, o que levou à associação com o nome franja, que é um ornamento ou um modelo de corte de cabelo. A primeira alteração no morfema foi no radical na troca da consoante *l* por *r* e da consoante *g* por *j*. Além da mudança nas duas consoantes, também houve a alteração da vogal *e* por *a*. Essas alterações recebem o nome de metaplasmo por transformação em assimilação parcial que consiste em transformar um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante numa mesma palavra, por exemplo, a troca do fonema *l* por *r*, *de flange* parta *franja*. E a troca da vogal *a* por *e* – *flange* por *franja*. Mesmo que tenha ocorrido a troca da consoante *g* por *j*, não é necessária fazer essa classificação, pois as duas consoantes, *g* e *j*, possuem o mesmo som- [3]

### 3.2- Análise Lexical

As palavras que serão analisadas dentro do léxico.

Nomes técnicos	Nomes coloquiais
Serra mármore	makita
Carrinho de mão	Carriola
Capa de beiral	Paulistinha
Desempenadeira de aço dentada	Galocha
Compactador de solo	Sapo
Trincha	Pincel
Alfinete	Percevejo
Válvula de descarga	Hidra
Cavadeira	Boca de lobo ou cavucate
Trado de perfuração de solo	Broca
Fita lacre	Enforca gato
Impermeabilizante para massa	Vedacit
Aditivo para massa	Acentariti ou brescal
Impermeabilizante para alvenaria	Neutrol
Sifão flexível	Papo de ema
Ferramenta alavanca	Chibanca/ xibanca
Madeira 15x2,5 e 12x2,5	Beiral

O léxico pode ser definido<sup>1</sup> como o acervo de palavras de um determinado idioma, ou seja, todo o universo de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito. Ou ainda, segundo Janderson Lemos de Souza que cita em seu artigo ‘Uma abordagem cognitiva à escolha lexical’ publicado na Revista Linguística, a definição de léxico (2010):

---

Definição<sup>1</sup> retirada do site da Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9xico> Acessado em 8/09/ 2013 às 15hs)

Já que toda forma complexa é inteiramente feita de morfemas, uma lista completa de morfemas daria conta de todas as formas fonéticas de uma língua. O estoque total de morfemas numa língua é seu léxico. (SOUZA, 2013, p.80)

Por meio dessas definições é possível afirmar que toda palavra dita ou escrita em uma língua é um léxico, mesmo com toda variação linguística que há em uma língua devido a vários fatores culturais e históricos. Segundo a doutora Maria Cândida (2006):

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto a um mundo referencial, físico, natural, social e psicológico, em que se situa o homem. (SEABRA, 2006, p.219/220).

Por todas essas relações vê-se a formação de várias comunidades de falantes com suas peculiaridades, como na formação de novas palavras. Exemplo disso são as palavras que foram criadas para facilitar a comunicação entre os trabalhadores de obras de construção civil, como a palavra ‘papo de ema’ que nada mais é que um sifão flexível.

Por uma língua ter um enorme acervo de palavras ou léxicos, um indivíduo que vai adquirindo o domínio da fala não o faz apenas por ouvir outra pessoa falando, mas fazendo associação entre a imagem e a fala. É o que Saussure (2006) chama de signos linguísticos:

Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala. (SAUSSURE, 2006, p.23).

E as palavras que vão sendo processadas em sua memória não são palavras novas que não existam em seu idioma, mas conhecidas e faladas pelas pessoas de seu convívio. Pode-se imaginar que sua mente vai se tornando um dicionário lexical, o que seria o domínio que este indivíduo vai adquirindo da língua. Saussure (2006)

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário, cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está

em cada um deles, embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários. (SAUSSURE, 2006, p.27)

O que vai levar um indivíduo a ter um maior domínio da linguagem formal ou da escrita com bases nas regras normativas será o aprendizado da norma culta através dos estudos a começar pelo ensino regular. Não somente a escola influencia uma pessoa no seu modo de falar, mas também o meio em que está inserida. Discorre sobre esse assunto a doutora Tânia Alkimim<sup>2</sup> (2004, p.34) afirmando que “as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos diferentes falam distintamente”

Alkimim descreve as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros: a diatópica e diastrática. A diatópica trata de questões geográficas, o país, região, bairro onde uma pessoa reside. Já a variação diastrática está relacionada a fatores ligados a identidade do falante e a organização sociocultural da sua comunidade de fala. E estas variações, em particular a diastrática são relevantes quanto à fala de uma pessoa em especial aos falantes na área da construção civil, já que será feita uma análise de vários léxicos por eles utilizados, próprios de sua comunicação. É o que afirma Alkimim ao se tratar das influências na fala:

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (MUSSALIM, 2004, p.46).

Por exemplo, uma pessoa que passa a trabalhar em construção civil terá que se adequar com a fala dos demais trabalhadores. Para haver comunicação entre eles no que se diz respeito a materiais de construção e ferramentas é necessário que se conheça seus nomes, isso porque o léxico que utilizam nas nomenclaturas desses objetos é diferente dos nomes formais.

Com o passar do tempo esses falantes foram assimilando a imagem da ferramenta a um bicho, a outro objeto ou até mesmo em um nome mais fácil de se pronunciar. Essas mudanças foram possíveis porque todo usuário da língua pode utilizar o léxico, esse inventário aberto de palavras disponíveis no idioma, para a formação do seu vocabulário, para sua própria expressão no momento da fala e para a efetivação do processo comunicativo. Assim, o vocabulário de um indivíduo caracteriza-se pela seleção e pelos empregos pessoais



que ele faz do léxico. Essas mudanças é um tipo de variação, a lexical, que, segundo Ronald Beline<sup>3</sup> (2004, p.122) “é apenas um dos modos como uma língua pode variar”, e ainda “em outras palavras, fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam”. Essa variação pode ser fonética, mas também lexical. Fonética é a variação de sons que se dá de uma região para outra, e lexical é o léxico que se difere de uma região para a outra, mantendo o mesmo sentido, exemplo a palavra mandioca, aipim ou macaxeira, todas têm o mesmo significado. No caso dos léxicos que serão analisados, eles diferem dos nomes formais para nomes informais ou novas designações dadas pelos falantes da construção civil.

A primeira variação a ser analisa é a troca da marca pelo produto. Na língua portuguesa essa classificação é chamada de metonímia que é uma figura de linguagem. Segundo o gramático Rodrigo Bezerra (2010, p.740) metonímia é “a substituição do sentido de um vocábulo pelo de outro com o qual está intimamente relacionado. Com a metonímia, o operador da língua troca um vocábulo por outro pelo fato de ambos apresentarem uma contiguidade de sentido”. Para os trabalhadores de construção civil tornou-se mais fácil fazer o uso do nome da marca do produto do que o próprio nome do produto. Isso se deu por ser mais simples pronunciá-los e por assimilar o objeto ou produto com a marca através da linguagem apelativa, que é uma linguagem centralizada no receptor onde o emissor procura influenciar o comportamento do receptor por meio das propagandas. Exemplos: de serra mármore (produto) para Makita (Marca); de capa de beiral para Paulistinha; impermeabilizante para massa para Vedacit; aditivo para massa para Acentariti ou Brescal;

Outra forma de se comunicarem foi de assemelhar a ferramenta ou material de construção com um animal ou com um objeto. É o que Saussure (2006) chama de signo linguístico:

---

Alkimim Tânia <sup>2</sup> - doutora em Linguística pela Universidade de Paris V, pós-doutora pela Unité Mixte de Reserche Langues, Langage e Cultures d’Afrique Noir (Paris). Seu texto está contido no livro Introdução à Linguística organizado por Mussalim e Benites.

Mendes<sup>3</sup> Ronald Beline - é bacharel e licenciado em Francês e Português pela Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor pela Universidade Estadual de Campinas. É especialista na área de Sociolinguística. Seu texto encontra-se na obra Introdução à Linguística organizado por Fiorin.  
impermeabilizante para alvenaria para Neutrol; válvula de descarga por Hidra.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos. (SAUSSURE, 2006, p.80).

Para o falante fica mais fácil assimilar determinado objeto com uma imagem que lhe seja familiar. Foi o que aconteceu na comunicação dos trabalhadores de construção civil. Muitas ferramentas receberam um novo significante que é uma imagem e uma grafia nova. Saussure (2006, p.80) afirma que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Imagem acústica é a representação natural da palavra. Quando um trabalhador da construção civil vai fazer uso da ferramenta cavadeira (que é uma ferramenta de aço ou de outro material compatível com a finalidade de aplicação, destinada a perfurar manualmente e mecanicamente o solo), ele não a chama por cavadeira, mas sim por boca de lobo devido à semelhança que as duas palhetas têm com a boca do animal. O que ocorreu aqui com o léxico cavadeira foi a substituição do significante cavadeira por outro léxico, boca de lobo. Ainda Saussure (2006) discorrendo sobre significado e significante ele diz:

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir o conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (SAUSSURE, 2006, p.81).

Por essa separação é que o falante pode criar um novo significante, ou seja, uma nova representação gráfica e imagem acústica de um objeto, o que o falante não pode fazer é atribuir um novo significado. Por exemplo, o léxico cavadeira (significante) recebeu o nome de boca de lobo (outro significante) o que houve aqui foi uma mudança lexical gráfica, mas na mente de quem chama a ferramenta boca de lobo ainda é o objeto que serve para perfurar o solo (significado), o que esse falante fez foi uma associação de imagem acústica entre a imagem das palhetas da ferramenta e a boca do animal (ainda significante), porém a imagem central da ferramenta não mudou, o que ocorreu foi apenas uma associação de imagens para atribuição de um novo léxico para essa ferramenta. Saussure (2006, p.82) declara que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário”, por isso a variação de muitos significantes. Como já citado anteriormente a palavra mandioca, macaxeira e aipim, todas com mesmo

significado, mesma imagem acústica e diferentes significantes na grafia. Há outros exemplos de arbitrariedade nos significantes de léxicos utilizados pelos falantes da construção civil. As definições a seguir foram retiradas do dicionário de arquitetura disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfC2UAF/dicionarioarquitetura?part=11>>. Exemplos:

- Sifão flexível (é uma peça formada por um compartimento que retém água, encontrado na saída das bacias sanitárias, nos ralos sifonados e em caixas de inspeção nas redes de esgoto), o sifão flexível tem um formato em S e lembra o papo de uma ema, daí veio o nome coloquial para essa peça de Papo de ema;
- Compactador de solo à percussão é destinado a compactar solos granulares e mistos com alto conteúdo de argila. Este equipamento é muito utilizado em fundações e bases para piso. E recebeu o nome de Sapo, pois quando utilizado pula muito;
- Alfinete ou prego de cabeça larga ou redonda é usado para fixar papel, lona, e plástico. Por ter o formato arredondado lembra um percevejo que possui um corpo achatado e oval.

Em todos esses exemplos dados pode se verificar as mudanças de significantes quanto a grafia, mas de forma alguma a imagem acústica original foi alterada e nem poderia ser. É o que Saussure (2006, p.82) explica “o símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado”. E quanto a essas mesmas mudanças lexicais nos significantes referidas anteriormente são mudanças que ocorrem somente na língua coloquial. De forma alguma essas alterações são aceitas formalmente. Os novos significantes podem ser falados e escritos por uma comunidade, mas não substituem o significante original. Saussure (2006) chama de Imutabilidade:

Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre; é imposto. Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro. Um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é. (SAUSSURE, 2006, p.85).

Há outros exemplos de significantes que foram modificados no âmbito dos materiais e ferramentas utilizados em construções. Por exemplo: a ferramenta desempenadeira de aço dentada que serve para espalhar argamassa quando for assentar piso recebeu o nome de

galocha. De acordo com o dicionário Aurélio galocha é um calçado de borracha usado por cima dos sapatos para preservá-los da umidade. Não há semelhança de imagens. Nesse caso houve apenas a criação de um novo léxico para o nome da ferramenta. Esse fenômeno linguístico é chamado de neologismo. Ieda Maria Alves (2004, p.5) declara que o neologismo “consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente”.

O mesmo ocorre com o léxico Alavanca. Esta é uma ferramenta que serve para multiplicar a força aplicada pelo usuário para incidi-la sobre o objeto desejado. Esta ferramenta passou a ser chamada de chibanca. Este léxico chibanca também é uma ferramenta, mas que é utilizada para cavar buracos, parecida com a pá de corte. Neste caso também ocorreu neologismo.

Outro caso em que há neologismo é com a ferramenta Trado de perfuração de solo. Como o próprio nome diz serve para perfurar o solo para fazer brocas da fundação de uma construção. Por ter uma aparência com a broca, esta ferramenta passou a ser chamada de broca, que é uma ferramenta menor e serve para fazer furos cilíndricos.

O objeto fita lacre muito utilizado nas construções para fazer junção de cabos elétricos recebeu um novo léxico, enforca gato. Esta substituição de nome não foi devido a semelhança de imagem acústica de ambas as designações, aliás, as imagens não tem nada a ver. Este termo ‘enforca gato’ foi dado por uma questão cultural. Algumas pessoas utilizavam a fita lacre para apertar o pescoço do gato e o soltava para morrer longe, a partir desta situação é que a fita lacre passou a ser chamada de enforca gato.

Quanto à ferramenta carrinho de mão que é um instrumento pequeno movido a energia humana usado para transportar pesos ou geralmente terra ou areia em construções também é chamado de carriola, tem o mesmo significado. O que ocorre aqui é uma variação linguística. A palavra carriola é mais usada no estado da Bahia e São Paulo. E ainda há cariola que é falado no Rio Grande do Sul. Para a região de Mato Grosso do Sul o nome utilizado é carrinho de mão. Sobre essa variação Alkimim (2004) diz:

Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social, etc. De uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica e a variação social. A variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. (MUSSALIM, 2004, p.34).

Além da variação linguística os léxicos carrinho de mão, carriola e cariola podem ser classificados como sinônimos. Segundo Bezerra (2010, p.101) sinônimos “são palavras diversas na escrita, mas semelhantes ou idênticas na significação”.

Outra ferramenta a ser analisada é a Trincha. Quando, numa construção é pedida uma trincha, está se pedindo um pincel ou uma broxa. Todas as três palavras são sinônimas, pois possuem significados semelhantes. Neste caso também houve variação linguística. Quanto ao léxico trincha, além de ser uma palavra sinônima possui outros significados, por exemplo, trincha também pode ser um ferro cortante, semelhante à enxó, de que fazem uso os carpinteiros. Por este vocábulo apresentar mais de um significado ele passou a ser um vocábulo polissêmico. Bezerra (2010, p.101) explica esse termo afirmando que “polissemia ocorre quando um vocábulo apresenta mais de um significado”.

A última análise é o nome dado a madeira 15x2,5 e 12x2,5 que é chamada de beiral. Segundo o dicionário Aurélio, beiral é “a última fileira de telhas que forma a aba do telhado”. Tem a finalidade de provocar a queda das águas pluviais de modo que estas não escorram pela fachada do edifício ou residência. Por ter sido dado um novo sentido a essa palavra existente (beiral) ocorreu um neologismo.

Por todos esses nomes analisados, com mudança de sentido ou com a criação de novos nomes, o léxico pode ser visto como um sistema aberto às possibilidades de novas palavras.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda muito jovem comecei a trabalhar na área da construção civil. No principio demorei um pouco até me adequar à comunicação daqueles trabalhadores, pois não conhecia os nomes de certas ferramentas e materiais de construção. Mas o tempo passou e não só falava como um deles, mas também tinha os mesmos costumes daquela comunidade. Faraco discorre sobre isso:

E isso é assim porque a língua está profundamente enraizada na vida cotidiana, nas experiências históricas e culturais de cada uma das comunidades que a falam. Como a vida, a história e a cultura de cada uma dessas comunidades são muito diversificadas, assim também será seu modo de falar. (Faraco,2008, p.5)

A comunicação era tão natural que mesmo com incoerências gramaticais não fazia diferença porque não havia o conhecimento normativo da língua. A língua Portuguesa é regida por normas, mas a fala não está presa nestas regras. Este é o motivo que faz com que a comunicação de muitas comunidades de falantes apresente desvios gramaticais e não desvios de comunicação. Saussure diz que a fala é um “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2000, p.22). Por isso que há tantas variedades linguísticas no Brasil que são os dialetos e as gírias.

Através desta pesquisa foi possível fazer um paralelo entre os nomes técnicos e os coloquiais das palavras analisadas. Entender suas origens e as mudanças fonéticas e lexicais que ocorreram.

Compreender as variações linguísticas foi um fator muito importante, mesmo porque não será possível modificar a maneira coloquial das pessoas falarem, até mesmo porque o intuito do trabalho não é o de se posicionar contrário às construções, variações, mas sim, evidenciar a necessidade de respeitar e registrar as mais diversas manifestações linguísticas presentes, aqui em particular, dos profissionais da construção civil, que, conforme levantamento e análises desenvolvidas têm seus léxicos permeados por neologismos, metaplasmos e variações

Levantamento e registro das expressões dessa comunidade de falantes contribui para a importância de se respeitar toda e qualquer manifestação linguística utilizada enquanto registro de uma cultura. A fim de dirimir a concepção de que a fala de um ou outro membro da sociedade é melhor ou pior que a dos demais. Toda mudança ocorre a partir de uma

variação. A língua apenas se estabelece e se modifica por existência de uma comunidade de falantes.

O crescimento enquanto acadêmico diante deste trabalho possibilitou a aplicação e a reflexão acerca de conceitos teóricos outrora trabalhados nas mais diversas disciplinas ofertadas no decorrer do curso de graduação. A exemplo do papel dos neologismos, da assimilação, da importância da variação e dos fatores determinantes do processo variacionista, bem como das alterações fonéticas, ditas metaplasmos sejam eles de permuta de redução, de assimilação e até mesmo o reconhecimento da importância e utilização no dia a dia das leis fonéticas em uma comunidade de falantes.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo, criação lexical**. 2ª edição, São Paulo, Editora Ática, 2004.

BEZERRA, Rodrigo. **Nova Gramática na Língua Portuguesa**. 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Método, 2010.

Dicionário de arquitetura. Disponível em:

<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAFc2UAF/dicionarioarquitetura?part=11>>. Acesso em 05 Out. 2013

Etimologia Popular. Disponível em: <[pt.wikipedia.org/wiki/Etimologia\\_popular](http://pt.wikipedia.org/wiki/Etimologia_popular)>. Acesso em 27 Julho 2013

FARACO, Carlos Alberto. (org.). Salto para o Futuro, revista. **Português: um nome, muitas línguas**. Rio de Janeiro, Maio 2008, Ano XVIII boletim 08.

\_\_\_\_\_. **Linguística Histórica**. 2ª Ed. São Paulo, Editora Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio da língua Portuguesa**. 5ª Edição, Brasília. Editora Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à Linguística, I Objetos teóricos**. 3ª Ed, São Paulo, Editora Contexto, 2004.

Gramática descritiva. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica\\_descritiva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica_descritiva)>. Acesso em 13 junho 2013

Léxico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9xico>>. Acesso em 8 Set. 2013

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender LABOV**. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda (org.); BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à linguística, domínios e fronteiras**. 4ª Ed. São Paulo, Editora Cortez, 2004.

Origem da Língua Portuguesa. Disponível em:<

<http://www.slideshare.net/duraoeliane/origem-da-lingua-portuguesa-8697995>> Acesso em 06 abril 2013

Origem da Palavra. **Site de Etimologia**. Disponível em:

<<http://origemdapalavra.com.br/palavras/>>. Acesso dias 25,26 e27 Julho 2013

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo, Editora Cultrix, 2006

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **O léxico em estudo**. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte MG, 2006.



SOUZA, Janderson Lemos de. Saltar/Soltar do ônibus: **uma abordagem cognitiva à escolha lexical**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010. ISSN 1808-835X 1. Disponível em:  
<<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wpcontent/uploads/2011/12/Saltar-soltar-do-onibus2.pdf>>. Acesso em 10 Out. 2013

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

## ANEXOS

-Pesquisas realizadas com profissionais na área de construção civil da cidade de Guia Lopes da Laguna, MS

### Anexo A

- Senhor Woshington – mestre de obra;
- Senhor Dilberto – pedreiro;
- Senhor Francisco – mestre de obra.

-Pesquisas realizadas com profissionais na área de construção civil da cidade de Jardim, MS.

### Anexo B

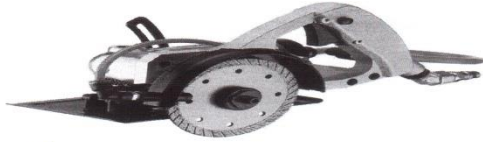
- Senhor Elton – mestre de obra;
- Senhor João Nunes – mestre de obra;
- Senhor Jucelei – pedreiro
- Senhor Laércio – pedreiro
- Senhor Aparecido – mestre de obra
- Senhor Josenaldo – mestre de obra

ANEXO A

Senhor Woshington



Sr Woshington (constutor) Equipamentos



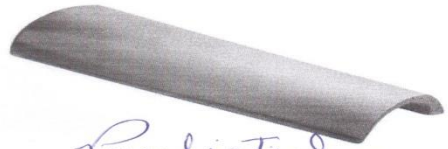
Maçeta



Carrocinho



Bitumeira



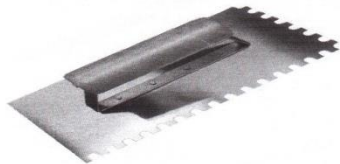
Paulistinha



Ponção



Picareta



Desempenadeira  
de aço



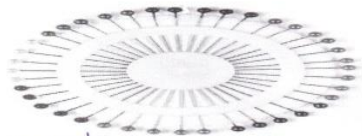
Troques



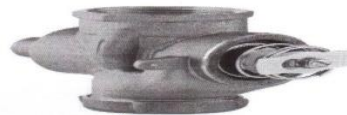
Sapo



pinel



Alfineteira



hidra



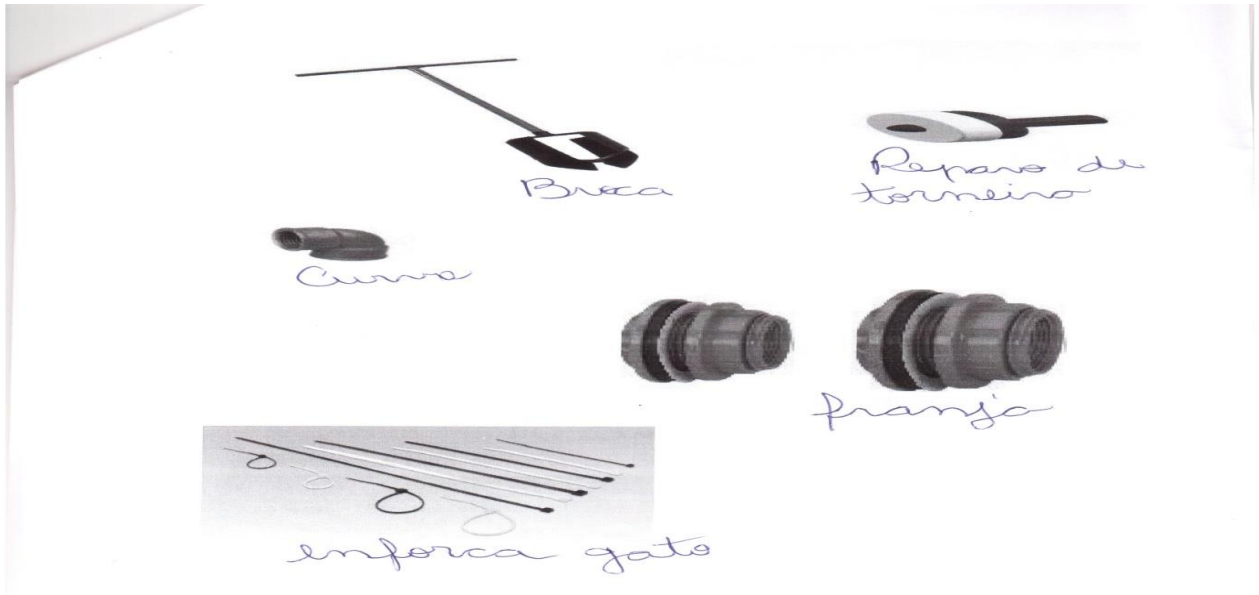
pe de calera



Carucate



apá



enforca gato



Vedacit

Acetone



Neutrol

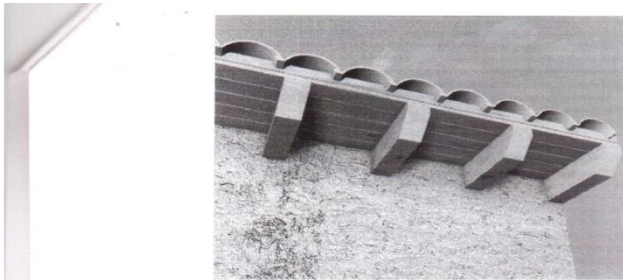


Cifão rígido de lona



cifão flexível

Lavanca



Beral

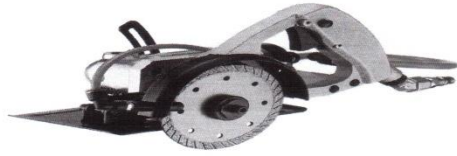


15x15

Beral

Senhor Dilberto

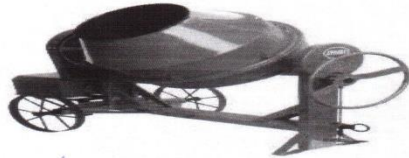
Sr. Dilberto (pedreiro)



Maqueto



Comieço



Bitomexas



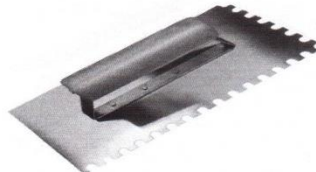
Poulinhos



Ponçao



Picoreto



SALOA



Muques



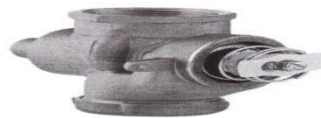
Sapo



Pimel grande



Percevejo



Hidra



Pi de cebra



Boca de lobo



APA Cevais



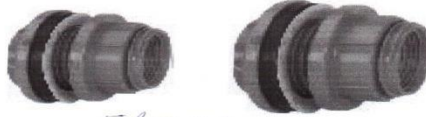
Breca



conosito



Joelha



Flange



erpica gôto



Vedacit



anestant



Neutrol

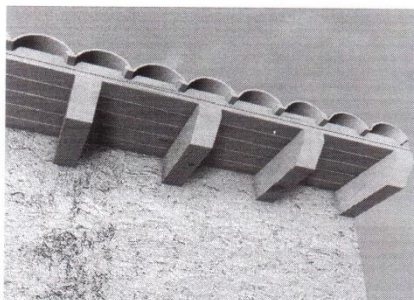


Sifão Passo de Lima



Sifão flexível

Chibanco



Berol



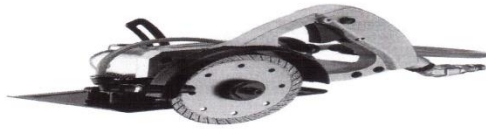
15x15

Berol



Senhor Francisco

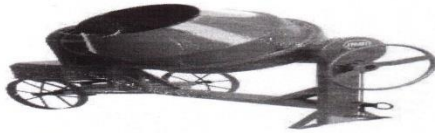
FRANCISCO (CONSTRUTOR)



MAQUITA



CARRINHO



BETONEIRA



PAULISTINHA



FONÇÃO



PICARETA-DE-MÃO



DESEMPENADEIRA DE AÇO



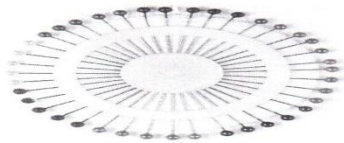
TROQUES



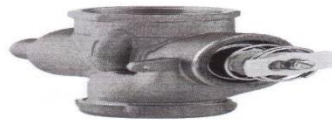
SERPO



PINCEL



ALFINETEIRA



HIDRA



PÉ-de-CABRA



CAVUCATE



APA



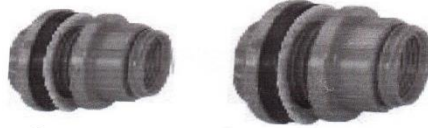
BROCA



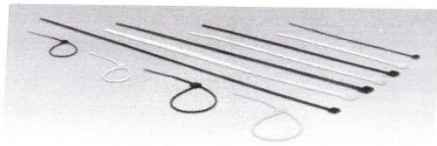
REPARO DE TORNEIRA



CURVA



FRUNGA



ENFORCA GATO



VEDACIT



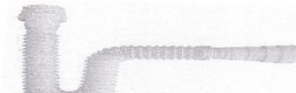
ACENTARIT



NEUTROL

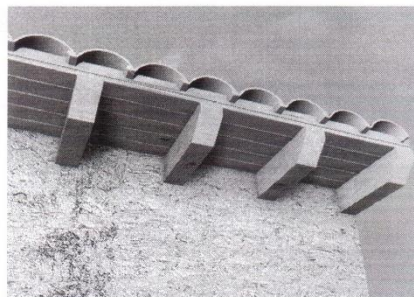


CIFÃO PAPO DE EMA

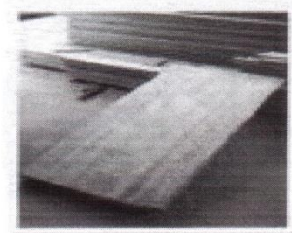


CIFÃO FLEXIVÉL

LADAVCA



PERAL



15x15  
DÉRAL



ANEXO B Senhor Elton





Broca



Carapeta



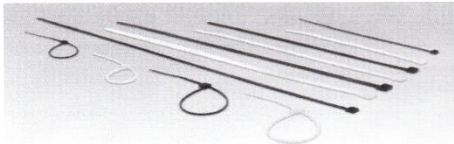
Joelho



Flange



Flange



Lacre



VEDACIT



ASSENTARIT



Neutrol

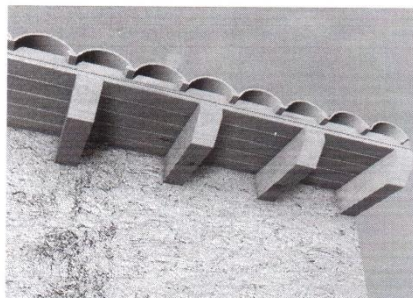


PAPA de EMA

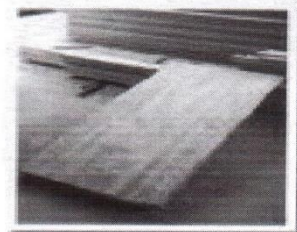


cizão flexível

LA BANCA



BERAL

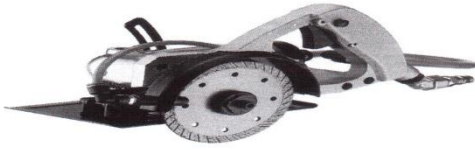


15x15

Beral

Senhor João Nunes

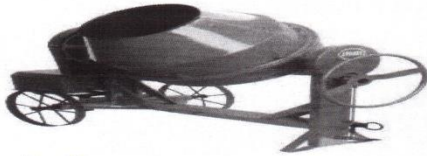
Sr. João (construtor)



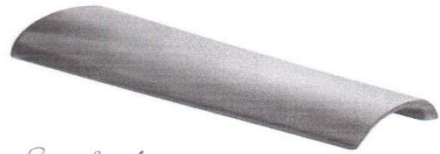
Caçuito



Carimbo



Bitameiro



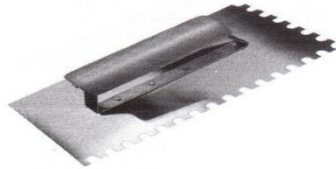
Pau listado



Ponço



Picareta



Glaxa



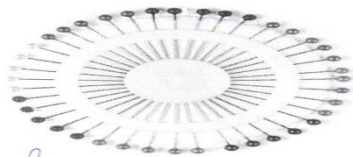
Alargues



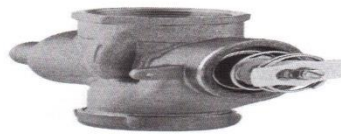
Maço



Pineil de boia de couro



Perceira



Hidro



Pé de cobra



Boca de leão



Pá coração



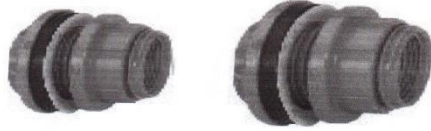
Breco



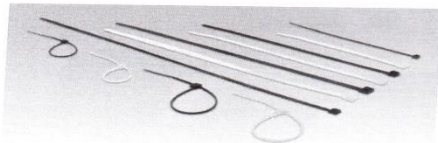
Concreto



Salho



Fronja



enferca gôto



vedacit



Bresol (concretant)



Neutrol

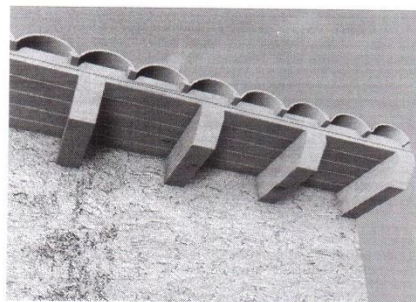


Cifa Bepo de Ema

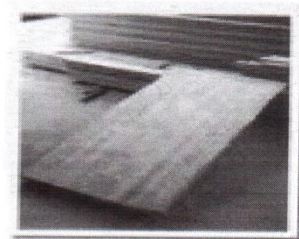


Cifa flexível

chiboraca



Perol



15x15  
Perol



Senhor Jucelei

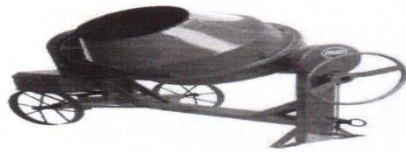
Jucelei (Pedreiros)



Maquina (cabo motorizada)



Carrinho de mão



Batedeira



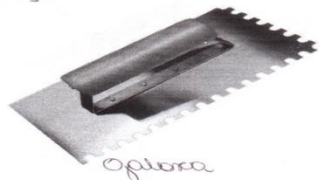
Laminado



Pinzão



Picaveta



Opelera



Tucuzis



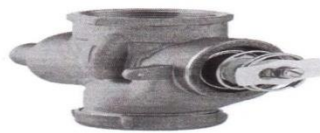
Compactador



Pincel



Revoço



Yedra



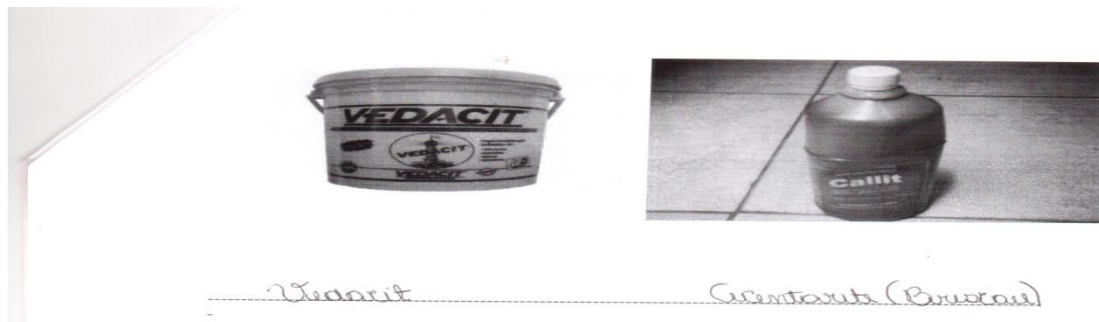
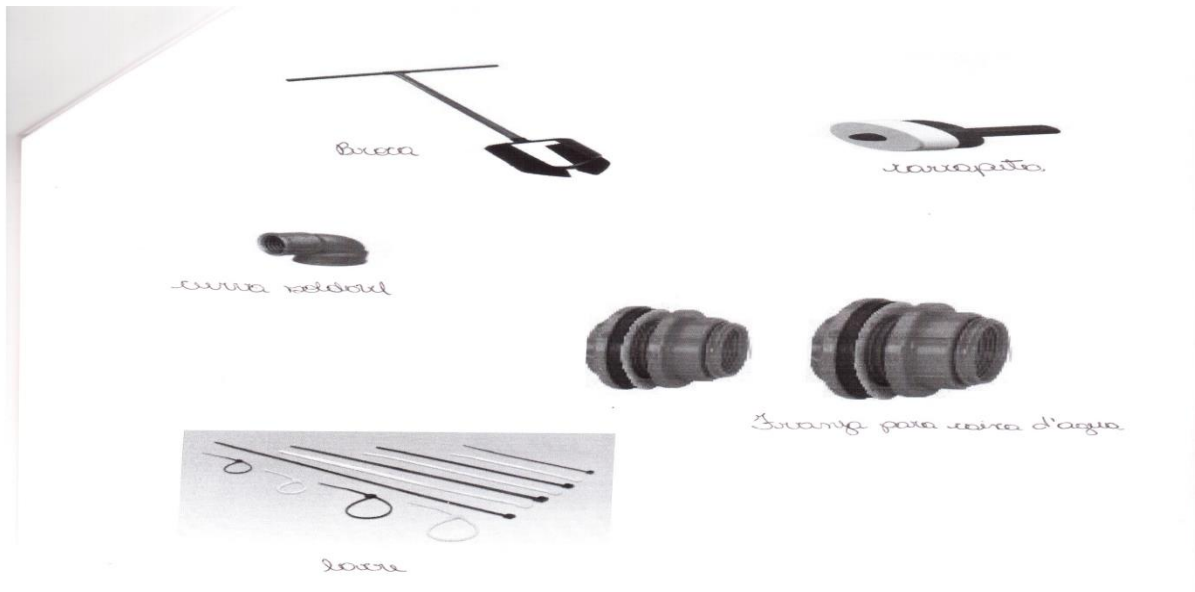
Li de cobre



Carrocinha



Pá revogão



Vedacit

Callit (Buvacal)



Neutrol

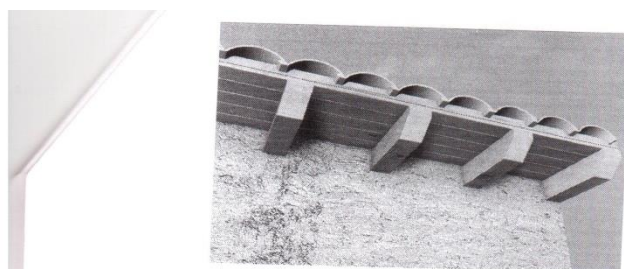


Pipe de ana

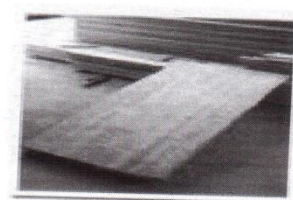


pipe flexivel

Alabansa



Beiral

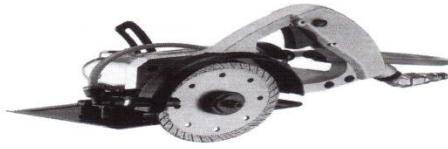


15x15

Beiral

Senhor Josenaldo

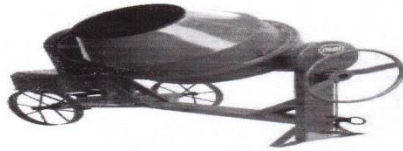
Josenuco (construtor)



MAQUINA



CARRINHO DE MÃO



BITORNEIRA



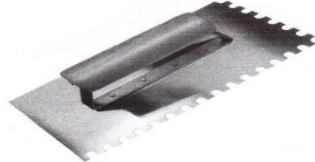
PAULISTINHA



PONTEIRA



PICARETA



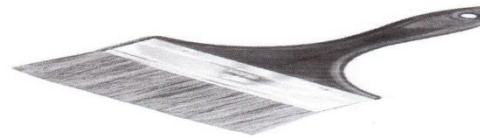
GALOCHA



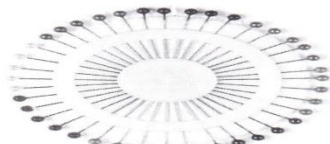
TROQUEZ



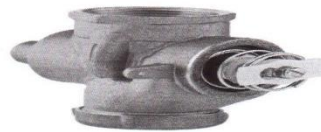
SAPO



PINCEL



ALFINETE



VALVULA HIDRA



PÉ DE CABRA



CAVUCATE



PÁ-LARGA



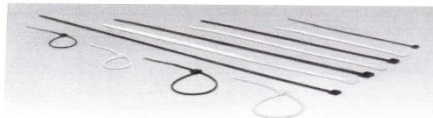
TRADO



CARRAPETA



FRANJO



LACRE



VEDACIT



ADESANTE



NEUTROL PARA ALICERSSSE

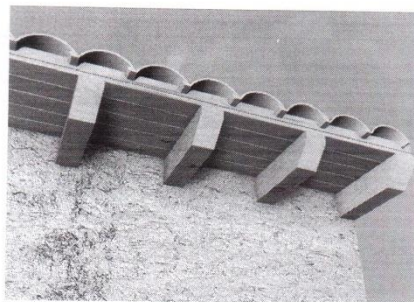


SIFÃO PARO EMA

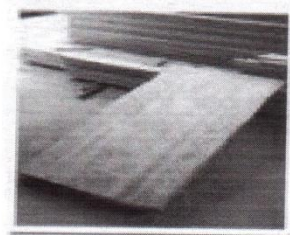


SIFÃO FLEXIVE

CHIBANCA



BERAL



15x15  
BERAL



Senhor Aparecido

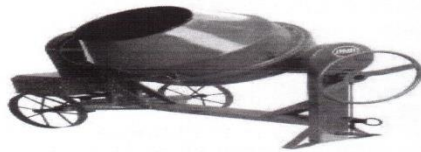
Sr. APARECIDO (MESTRE-DE-OBRA)



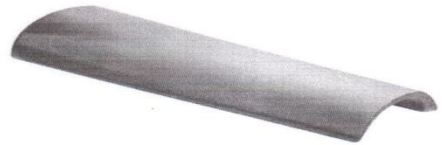
MOLATA



CARRINHO DE MÃO



RETONEIRA



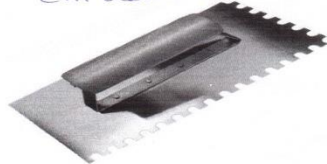
CAPA GALUSTINHA



CHIBRÇA



PICARETA



DOSEMPENA DE AÇO DENTADA



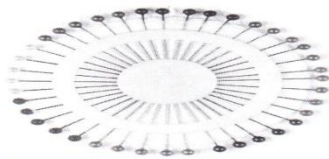
TORÇOS



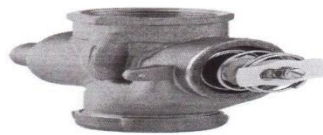
SARRO A GASOLINA



PINCEL PELO DE BOI



ALFINETE DE BOLINHA



DALOUÇA HIDR



PE DE CABO



CAJOCAS T f



CAÇONA DO



BROCHA DE CHÃO



CARRAPETA



DOELHO DE 2.5X3/4



FLANGE



FLANGE



LACRE



vedacit



assentant



neutrol

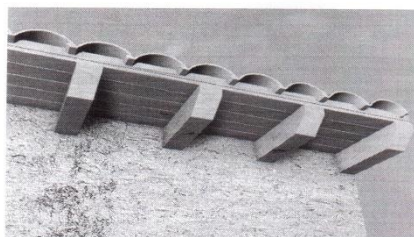


Difusô RÍDIO de ema



Difusô flexível

Xubanca



bral



15x15

bral

Senhor Laércio

Sr. Laércio (Pecheiro)



Maquina



Carroleta



Balanco



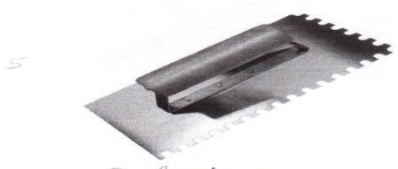
Copa Paulistinha



Punção



Picareta



Golecha



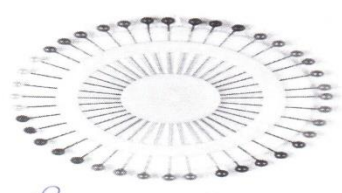
Argues



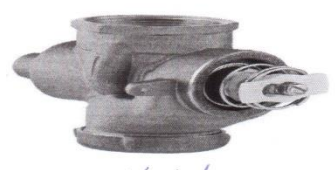
Sapo



Pincel



Percunjo



Hidra



Pé de cobra



Boca de lobo



Apa Cercoço



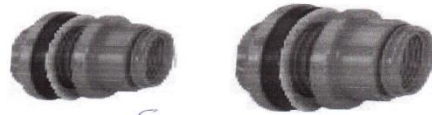
Broca



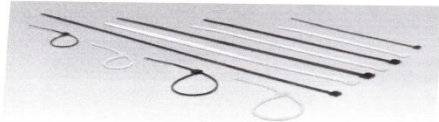
Conspeto



Capitulo



Fuogo



enforca - gofo



Vedacit



correntant



neutrol



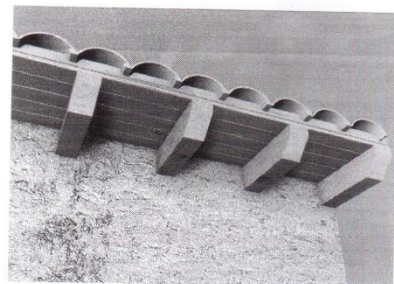
Cifex Poble de ana



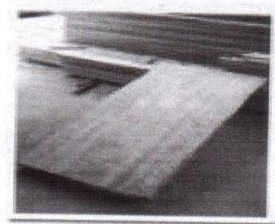
Cifex flexime

~~Xibrico~~

www.neutrol.com.br



Berol



15x15

Berol